

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

DIRECTOR — Manuel da Silva Campos

Redacção da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.807

Terça-feira, 14 de Outubro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officina de Impressão — Rua da Axtalla, 111 e 113

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa que se conserva em sessão permanente para apreciar o movimento das «forças vivas», reúne hoje às 17 horas com a presença de delegados dos organismos aderentes e não aderentes.

A GREVE DOS COMERCIANTES

Do facto do encerramento dos estabelecimentos corresponde a uma verdadeira greve. E como ela é feita para não cumprir um decreto do governo, é ela uma greve de protesto, que reveste um carácter de hostilidade contra os poderes públicos.

Abstrahindo das razões que determinam esse movimento, apraz-nos registar o facto: que as classes conservadoras aceitam o princípio da greve e dela usam, mesmo nas circunstâncias mais graves, a de ela ser feita contra o Estado. As nossas greves, pois, nunca mais podem ser condenadas pela classe burguesa como representando um elemento de perturbação, visto que também as classes burguesas fazem greve.

Ainda há pouco contra a greve dos correios e contra a greve dos funcionários públicos toda a gente vorificou a indignação da burguesia comercial pelos prejuízos e perturbações que essas greves lhes causavam. Agora são os comerciantes que imitam os empregados dos correios e os funcionários públicos. Que amanhã, em face das nossas greves, se não esqueçam da que estão fazendo agora.

Será curioso observar o procedimento do governo perante a atitude de rebeldia dos comerciantes. Que medidas vai o governo pôr em prática para para terminar com o protesto do comércio?

Isto não quer dizer da nossa parte que desejemos que o governo empregue violência. Não nos regosijam, por exemplo, a prisão do sr. Pereira da Rosa, como não nos regosijam o que o governo, segundo o que tem feito, em relação às greves operárias, viesse agora a fazer.

O que queremos é frisar que o

governo naturalmente não vai usar agora do mesmo procedimento que tem empregado para conosco e com isto só queremos mostrar a parcialidade com que os governos tratam os operários ou a burguesia.

Acaso o governo vai inquirir dos comerciantes que são estrangeiros para os pôr na frenteira como o quiz fazer aos criados de meza? Acaso o governo, em nome da liberdade de trabalho, vai obrigar os estabelecimentos a abrir, para que entrem os empregados que queiram trabalhar e servir o público?

Em nome do interesse público, têm os governos feito coisas muito piores, quando se trata de operários em greve; vai o governo em nome do interesse público, mobilizar os armazéns e garantir o abastecimento regular da população?

Repetimos: não reclamamos violências do governo. Somos contra as pressões de autoridade e nenhuma satisfação teríamos em ver repetir, feito aos comerciantes, aquilo que nos têm feito a nós.

Se o governo o fizesse estava na lógica dos processos, que em casos idênticos tem adoptado. E não seria a classe burguesa que teria autoridade moral para se indignar contra isso, visto que tem sempre apoiado os governos quando os empregam contra nós.

Por isso mesmo, não deixamos de acentuar esta frisão desigualdade de tratamento, conforme diz respeito à burguesia ou ao operariado, o que bem demonstra o carácter burguês dessa república que aí está.

E tomamos nota para protestar com redobrada razão, quando, em face das futuras greves operárias, contra elas exerceram as violências que agora não serão empregadas.

O fusilamento de Francisco Ferrer

Realizou-se, ontem, com grande concorrência, a sessão de protesto promovida pelo Grupo "Claridade"

Realizou-se ontem com grande concorrência pelas 21 horas, na Associação dos Empregados de Escritório a sessão comemorativa do fusilamento de Francisco Ferrer, promovida pelo grupo "Claridade".

Falou em primeiro lugar, o nosso camarada de redacção Cristiano Lima que fez uma narração sucinta do crime praticado pelo reaccionarismo de Espanha contra o homem que pretendia combater a influência funesta que a igreja exerce, por meio da escola.

Aponta a circunstância do protesto que se fez contra o assassinato de Ferrer ter sucedido todo o mundo numa bela rajada de protesto, enquanto o povo espanhol ficava apático de braços cruzados, perante a infâmia cometida. Refere-se à afirmação pessimista dum escritor espanhol que disse, numa hora de amargo desalento «que o povo espanhol não existe».

De facto o povo espanhol a quando a morte de Ferrer, quasi não existiu e bem precisa provas dele da agora da sua existência pela resignação que lhe suporia a tirania dum general imbecil e fraco. O povo tem permanecido quasi indiferente a uma tirania que forçou milhares de homens a emigrar e que retém no cárcere centenas de pessoas e que fez chacinar em Marrocos milhares de soldados.

A apatia do povo vem-lhe do domínio que o padre tem exercido sobre ele, principalmente na escola. Era contra o domínio do povo pelo padre que Ferrer lutava, semeando por Espanha as escolas racionalistas. Essas escolas criavam um povo livre, faziam nascer consciências capazes de modificar, por acções múltiplas, um país que vive refogado num fanatismo e num obscurantismo dignos da idade média.

Analisa o que tem sido o livre pensamento dos republicanos portugueses, que não passa dum clericalismo às avessas, pois derubaram os dogmas da religião, para impôr intolerantemente os dogmas do Estado. O movimento republicano contra a extinta monarquia parecia ser obra de ateus que afinal têm morrido quasi todos «confortados» com os sacramentos da Igreja.

A religião católica para manter-se tem, em quasi todos os países, transigido. Em Portugal até já aderiu à república. Pois na última comemoração do 5 de outubro as igrejas embandeiraram e iluminaram festivamente, como se aquela revolução se tivesse feito para estabelecer em Portugal os conventos e as congregações. Só na Espanha, a religião católica não transigiu, permanecendo com o intolerantismo odioso que acendeu as lougeiras da inquisição.

Canhão Júnior, da Associação de Professores de Portugal, refere que

MORREU ANATOLE FRANCE

Foi de irreverência, de ironia e de graça a vida do grande escritor socialista, uma das maiores glórias do pensamento humano

PARIS, 13 — Depois de prolongada agonia faleceu em Tours ontem às 23 horas o grande escritor Anatole France. Tinha 80 anos de idade. Os jornais lembram a vida do Mestre, a sua magnífica obra literária e a sua acção política.

Há nomes que nos habituamos a ver, quase sem querer. São aqueles que durante toda a nossa vida nos surgem luminosos nos momentos mais críticos, nas ocasiões mais angustiosas, nos minutos mais duros da dura existência. Ode Anatole France, é um deles. Desde criança que este nome nos sóa aos ouvidos, embora as sílabas que o compõem longe de possuírem a sonoridade atrozadora do bronze, sejam como que um delírio suave de águas murchas dum ribeiro.

Mais uma vez o nome de Anatole France surge, ante os nossos olhos contristados, na letra redonda da imprensa, ao nos nossos ouvidos numa entoação triste. Não se trata agora, a citação desse nome, da repercussão mundial dum frase espirosum desse homem que levou a vida a brincar com a humanidade, com as suas ideias, as suas religiões, vaidades, ambições e fraquezas, como um Deus cruel e gigantesco que zomba da credulidade dos seus fiéis. Desta vez, o seu nome voltou às colunas da imprensa, mercê dum acontecimento doloroso, inesperado para todos os que de longe o acarinhavam com o pensamento — inesperado a despeito dos seus oitenta anos nos segredarem insistentemente o desenlace fatal. Anatole France acaba de expirar.

Raros são, nesta sociedade reles, os homens que no nosso século deixam saudades. Raros são, e o autor do «Sylvestre Bonnard» é um dos raros. Ele foi dos poucos que soube, apesar do scepticismo do seu espírito, assumir nas ocasiões difíceis aquelas atitudes de apuro moral próprias dos homens de pensamento viril. Ele foi dos raros que não recearam as arremetidas dos grandes, dos poderosos, dos ricos, nem as vãs das multidões embutecladas pelas teorias desumanas dos seus algeiros. Nunca teve medo de colocar-se ao lado do que lhe parecia razoável e justo. Por isso ele foi até aos doloridos momentos da sua agonia, duma ternura infinita pelo povo e duma crueldade satânica para com os governos, os grandes generais, os ambiciosos capitalistas.

Quer a sua pena rebuscasse nos assuntos clássicos, na poeira dos séculos, a graça luminosa da antiga Grécia, quer procurasse na convulsão da vida de hoje os sujeitos para os seus escritos admiráveis de simplicidade, de singeleza, Anatole France feria sempre com a sua ironia cortante, cobrindo-os dum ridiculo atroz, os grandes senhores que, julgando-se sábios ou deuses, se permitiam oprimir os povos sedentos de progresso e de bem-estar. Não houve flagelador da hipocrisia, da incoerência das religiões, das ambições humanas e das desigualdades sociais que, com mais calma, com mais serenidade helénica e elegante, soubesse derruir os erros do passado e as injustiças do presente, do que Anatole. Sorrindo, combatia, criticava, analisava e arguia com a sua frase ligeira, acessível a toda a gente, monumentos de tam genial beleza como aqueles dos grandes templos pagãos, como as formosas estatuas gregas, que nos olhos ainda hoje contemplam embevecidos.

Passa-nos agora pelo pensamento, num relâmpago, aquele episódio longo, que temos há anos no «Sur la pierre blanche», passado nessa Grécia requintada que Anatole tanto adorava. Conversavam dois filósofos cultíssimos — um grego, outro romano, ambos pagãos. Conversavam de problemas do espírito, de religiões, de civilização, do poder destrutivo do império romano, ao qual rendiam, assombrados e envidados de seu sober, da sua ciência de governar os povos, as mais rasgadas homagens. Entretanto, nesse mesmo instante, havia grupos de escravos, de andrajosos, sujeitos e reles que em gestos exaltados discutiam, decerto, problemas mesquinhos, inerentes à sua cultura medíocre de párias. Esses andrajosos, esses escravos de que os dois homens cultíssimos desdenhavam eram aqueles cristãos que, a despeito da sua incultura e da sua condição humilde, viriam mais tarde derubar o paganismo, avassalar o império romano, convertendo o imperador Constantino.

A graça, a ironia e o espírito combativo, diluídos neste trecho perfeito, constituem uma lição admirável, pela maneira indirecta, mas eficaz, como combatem os grandes senhores de hoje que se reconhecem triunfantes nas suas academias, nos seus centros políticos ou clubes, burlando insidias sobre a plebe, que os alimenta, e prestando-se mutuamente homagens ridículas.

E' vasta a obra de Anatole France. Foi escrita reponsadamente, como de seu próprio estilo se deduz. Não há uma aspeira na sua frase, nem uma sílaba malsonante nas palavras que aliinha com uma arte incomparável. Sem possuir um artifício do aspecto dos estilistas pretensiosos que se queimam maravilhosamente ante a sua prosa sonora e óca

como um sino, Anatole consegue fazer dos seus livros uma obra de joalheria, de rendilhado elegante como o dum friso helénico, recheado, porém, de conceitos superiores e belos. Essa singeleza que nos encanta, que nos seduz não a conseguiu ele dum facto. Como Flaubert, outro modelador extraordinário do idioma francês, como Eça de Queiroz, o que soube dar leveza e dutilidade ao português pesado e ruidoso como um camião em marcha, Anatole foi um torturado, um insatisfeito de si mesmo. Os seus manuscritos, à força de emendados e razados, melhor lembravam páginas de prosa árabe, do que de francês puríssimo — tal era a sementeira de arabescos que o torturado escritor nelas fazia. A sua paciência era inesgotável. Por isso, nunca de

to, contra o militarismo, que pretendia, para salvar-se e engrandecer-se, criar uma vítima inocente. Nunca soube o que era a subserviência, esse espírito irreverente; não se curvava ante os desejos dos governos nem dos grandes capitalistas mais poderosos do que os próprios governantes. No seu último livro «La Vie en Fleurs» ataca os contra o existente perséus. Vejamos este trecho que Aquilino Ribeiro de se tirou para o citar, há tempos numa bela conferência realizada no Teatro Nacional:

«Os grandes industriais e os grandes banqueiros têm interesse em ser belicistas não só pelos lucros que lhes trazem os fornecimentos de guerra como pelo incremento que o conflito traz aos seus negócios. De povo para povo, crê-se cegamente na vitória; a vitória seria crime de lesa-pátria. As guerras, na maioria dos casos, são decididas por uma dúzia de sujeitos. A facilidade com que arrastam o povo é inacreditável; ainda que gastos e regastos, os meios a que recorrem não falham nunca. E' da praxe lançar primeiro a público os enxalhos recebidos do estrangeiro e que só podem ser lavados com sangue, quando, em boa moral, as crueldades e perdas que a guerra engendra, muito longe de honrar o povo que as praticou, só o podem cobrir de infamias; esfalham-se em seguida a demonstrar que o interesse está em pagar em armas, quando é certo que as pátrias saem arruinadas das guerras, que apenas enriquecem um número restrito de indivíduos. Mas não é preciso consumir tanta palavra; basta rufar o tambor, destrair a bandeira e a multidão vaa ao matadouro».

Este pequeno trecho diz melhor das opiniões antimitaristas de Anatole do que vinte artigos que nos escrevem sempre, pôr a não a missão de alta finança e da grande indústria com duas penas largas.

Anatole France — nascido em Paris, filho dum senhor muito religioso e dum allarrabista do Sena, conservador, vendendo o odenio — veio de condições humildes, da pequena burguesia. O seu espírito livre e superior foi modelado por suas próprias mãos. Era um estudioso apaixonado. Baseou a sua cultura vastíssima na ciência e na arte antigas. Humanista dos mais extraordinários do nosso tempo, não houve escaninho de civilização grega e romana que ele não explorasse, não houve filosofia helénica que ele não bebesse. Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, Sócrates, eram-lhe tam familiares como o linho alvo da sua barba de filósofo. Dessa cultura ficou-lhe a graça do seu espírito, a seriedade da sua obra, o sabor clássico da sua prosa. Viveu no nosso tempo como teria vivido um filósofo romano no greco há dois mil anos, analisando a vida com aquela calma superior e livre que só os pagãos souberam manter, sorrindo e criticando. Mas o seu culto pelas civilizações passadas não o amarraram às velharias nem o fizeram descreto do futuro — confiava no futuro. Ele, o sceptico, o que duvidava de todos, o que negava a Verdade e classificava de aparência tudo o que o cercava, cria crença no progresso e no futuro.

Dai o seu amor pelos idealistas, pelos sonhadores, pelos utopistas. «Não tenham medo — dizia ele — de passar por aristocratas de construir nas nuvens, de adquirir repúblicas imaginárias como Platão, Tomás de Morus, Campanella, Fénelon. Utopias é a injúria ordinária que os espíritos estreitos jogam aos grandes espíritos e na qual os políticos se escudam para contra os seus pensamentos elevados. A utopia é o princípio de todo e qualquer progresso; sem os utopistas de outrora viveríamos ainda miseráveis e fúteis cavernas».

Faleceu, pois, o grande escritor, o burilado máximo do estilo e o crente firme no progresso da humanidade, o anti-militarista, e o socialista irreverente. Oxalá os conceitos admiráveis que legou não morram nunca porque contêm a seiva vivificante da ironia, da graça e da ternura, que caracterizam as grandes civilizações.

(Lê continuação na 3.ª página)

Católicos, para a luta!

Que indignação vai pela imprensa católica Proibir a peregrinação a Fátima. As Novidades de ontem incitavam os católicos à revolta, ao desrespeito pela lei. Recomendava-lhes que fossem a Fátima, mesmo que chovessem raios e coriscos.

E' de prever que se produzam graves e sangrentos acontecimentos. Quando os operários desrespeitam a lei fuzilam. O que não irá acontecer aos católicos...

A's ordens do desconhecido

Afinal não se sabe a ordem de quem está preso o menor das forças vivas o sr. João Pereira da Rosa.

Duma entrevista concedida pelo governador civil ao Diário de Lisboa referimos a seguinte e elucidativa passagem:

«E a prisão do sr. Pereira da Rosa?»

«Não sei nada. E' com o director da Polícia de Investigação».

«O dr. sr. Teixeira Direito diz o contrário...»

«Espere um pouco».

Ligou o telefone para a Polícia de Investigação, e perguntou:

«Eu desejo saber a ordem de quem está preso o sr. João Pereira da Rosa; porque se não está preso a ordem de ninguém, mande-o pôr em liberdade!»

Um dos secretários exclamou:

«Está preso a ordem do director da P. S. E... mas há quem entenda que não».

E depois deste jogo de empurra, volta a afirmar-se que ele está detido a ordem do director da Polícia de Investigação Criminal».

Conclui-se, leitor, que o sr. Pereira da Rosa está preso a ordem de todos e de ninguém. E' bom que os homens das «forças» vão sabendo por experiência própria o que é a justiça em Portugal.

Os operários também são presos às ordens do desconhecido.

O cancro social

Do extracto do discurso do sr. José Domingues dos Santos, recortamos as seguintes e valiosas passagens:

«Preconiza a instrução obrigatória e gratuita. O exército, afirma, é um cancro social que é preciso extirpar».

Quer milícias, a nação armada e não um exército de parasitas. Repete todo o espírito conservador dentro da república. Seria o seu suicídio».

Registamos e repetimos para não esquecer: «O exército é um cancro social que é preciso extirpar».

O comité das «forças vivas»

Referindo-se à «União dos Interesses Económicos», num artigo de combate,

Rebate, órgão do governo, pergunta:

«Que agremiação é esta?»

Não sabemos, ninguém sabe. Não em, que nos consta, estatutos aprovados pelo governo, vive à margem da lei, é anónima, é secreta. E' o comité da greve dos comerciantes que roubam e exploram.

Fosse o comité da greve dos roubados, dos expoliados estaria no Limoeiro.

O caso de Fátima

O governo proibiu a peregrinação a Fátima. As Novidades, no alto da cabeça do jornal, punham em confronto a autorização das manifestações do 14.º aniversário do fusilamento de Ferrer com aquela proibição e a Epoca aproxima também a proibição da peregrinação com a autorização do comício radical de Lisboa.

Sem querermos defender o governo, parece-nos que tanto as Novidades como a Epoca estão cometendo um erro de visão. A proibição das manifestações pró fusilamento de Ferrer, ou do comício radical, representaria uma autêntica violência contra a liberdade de reunião e de pensamento o quanto ao comício radical podia ainda o governo, se o proibisse, ser acusado de não querer que os seus adversários políticos esclarecessem o público sobre os actos governamentais; mas com o caso de Fátima não se dá nada disso.

A liberdade religiosa não quer dizer liberdade de especulação com as crenças de ninguém. A bruxaria, as credências populares, ao serviço dos interesses particulares de meia dúzia de especuladores, não pode de nenhum modo confundir-se com o exercício do culto religioso. Para isso há igrejas da sobra. Para se resar não é preciso ir a Fátima. A própria religião católica não autoriza o que se está passando em Fátima, por contrário ao culto regular. A Igreja católica só demonstraria a sua fraqueza se julgasse indispensável, para a sua manutenção, recorrer a estes expedientes para engrossar o número de fiéis, a quem atrai não os preceitos da religião mas as fantasmagorias mirabolantes de qualquer pantomima milagreira adrede arranjada.

O clericalismo, recorrendo à excitação das superstições populares, procura atear a paixão religiosa no seu aspecto mais repugnante — o fanatismo.

Fátima é isso e mais o seguinte: o pretexto para uma tremenda especulação, para um negócio rodoso, para a satisfação da ganância dos que vivem à custa da ignorância do povo.

O encerramento das fábricas e estabelecimentos comerciais

O comité faz a proclamação da greve por intermédio de comunicados pagos nos jornais — A greve será parcial e apenas de 24 horas — Por incitar a greve são presos dois comerciantes — A polícia arranca das paredes os manifestos dos grevistas

O movimento das forças vivas e a sua greve anunciada para hoje está na ordem do dia.

Pelos comunicados que para serem publicados mediante pagamento à administração, nos foram enviados, mas que muito menos como matéria paga poderíamos acolher nas nossas colunas, segundo esses comunicados foi resolvido que hoje, por 24 horas, não abram os estabelecimentos, com excepção, das mercenarias, padarias, leitarias, carvoarias, talhos, hotéis, restaurantes, casas de comidas e farmácias. Amanhã, quarta-feira, não abram os estabelecimentos fabris e respectivos escritórios de todo o país, com excepção das companhias de viação e ágras, fábricas do gás e electricidade, moagem e panificação, que podem abrir.

Está também resolvido que os estabelecimentos que têm autorização para se conservarem abertos mantenham os seus tapas ou portas cerradas, como sinal de protesto e adesão ao movimento.

Nesses comunicados os grevistas declaram que o movimento do comércio, da indústria e agricultura é contra a política económica, agravos recebidos do governo e prisão ilegal do sr. João Pereira da Rosa, director-secretário da Associação Comercial de Lisboa, e não contra os consumidores.

Sobre a selagem ficou resolvido que sejam retirados dos estabelecimentos todos os géneros sujeitos ao selo, quer estejam selados quer por selar.

Nesses comunicados, assinados pela União dos Interesses Económicos, que é, ao que parece, o comité da greve, tomam-se o compromisso de pagar ao pessoal operário o salário do dia.

O governador civil mandou arrancar uns prospectos que as forças vivas fizeram alixar, por reputar — declarou ele ontem aos jornalistas — prejudiciais não só pela forma como estão redigidos, como ainda porque não são a expressão da verdade.

Ontem foram presos os comerciantes António Tavares e Luz Olinhares Ferreira, por, na rua Possidónio da Silva, andarem nos estabelecimentos incitando os seus proprietários a encerrarem.

A actividade do operariado

À U. S. O. apreciou ontem a greve dos industriais e comerciantes e realiza hoje, às 18 horas, uma grande sessão de protesto

Reuniram ontem, pelas 22 horas, o conselho de delegados da U. S. O., para se ocupar exclusivamente do movimento de protesto que as forças vivas hoje realizam, com o encerramento dos estabelecimentos.

Preside Silvino Noronha secretário de Edmundo Tavares e Abrão Coimbra.

O secretário geral da U. S. O., Gonçalves Vidal ana largamente o movimento das «forças vivas» acentuando que o protesto do proletariado, de nenhum modo deve visar a conceder ao Estado um apoio e a fortalecer a acção, no actual movimento. Primariamente as «forças vivas» ameciam com uma paralisação do comércio e da actividade industrial, por tempo indeterminado, até o Estado ceder, agora limitaram o seu protesto a um prazo de 24 horas. Se se não tivesse dado essa limitação, a organização operária devia evitar que a produção paralisasse. Para que isso se não desse o proletariado recusar-se a abandonar as fábricas e oficinas, continuando a trabalhar, realizando ele, por meio dos seus organismos, a gestão industrial.

Termina, apresentando, em nome da comissão administrativa, o seguinte parecer:

As decisões da organização operária, em face do movimento actual das forças vivas, tem simplesmente um fim: Defender os interesses do proletariado de forma que a sua atitude não possa significar qualquer solidariedade ou colaboração com o Estado ou o patronato.

Reconhece muito bem a U. S. O., que todos os impostos lançados pelo Estado sobre os diversos artigos recaem directamente sobre o consumidor, mas tam-

A BATALHA

Vida Sindical

QUINTA-FEIRA 23 OUTUBRO

Teatro Nacional Almeida Garrett

«Reprise» da tragédia histórica em 12 quadros, original do falecido dramaturgo MARCELINO MESQUITA

O REGENTE

Montagem completamente nova — Na bilheteira deste teatro está aberta a folha para 8 RECITAS DE ASSINATURA com as 1.ª representações de 4 originais portugueses e 4 «reprises».

Inauguração

— DA —

Época 1924-1925

C. G. T.
Reunião do Conselho Confederal

Reuniu o Conselho Confederal, estando representados as Uniãos Locais de Lisboa, Porto, Évora, Almada, Seixal, Odivelas e Faro; as Federações do Litoral e do Interior, da Construção Civil, Corticeira, Metalúrgica, do Calçado, Curores e Peles, Empregados no Comércio, de Tanoarias, dos Mobiliários, sindicatos nacionais, Arsenal do Exército e Arsenal de Marinha; sindicatos isolados: Mineiros de Aljustrel e Têxteis da Covilhã.

A sessão abriu às 21.30, presidida por Jesus Gabriel e secretariada por Joaquim Tavares Adão e António C. B. Araújo. Foi lido o expediente, usando da palavra sobre o M. J. de Sousa e Joaquim de Sousa.

M. J. de Sousa procedeu à leitura do seu relatório acerca da sua delegação à 1.ª sessão do Conselho Confederal, em 21.30, presidida por Jesus Gabriel e secretariada por Joaquim Tavares Adão e António C. B. Araújo. Foi lido o expediente, usando da palavra sobre o M. J. de Sousa e Joaquim de Sousa.

Rozendo José Viana, friza a circunstância das «forças vivas» terem resolvido não encerrar as mercearias, pelo receio de que os consumidores, se indignassem, e a sua indignação era justificada, abrindo, por suas mãos, esses estabelecimentos.

O proletariado deve manifestar-se em todo o país contra as «forças vivas» pois estas pretendem provocar uma grande crise de trabalho que atirará inúmeros trabalhadores para o desemprego e para a miséria. A C. G. T. deve preparar e coordenar esse movimento de defesa do proletariado contra a grave ameaça que sobre ele impende.

Da Associação dos Caixeiros à classe em geral

A Associação dos Caixeiros na sua reunião de ontem aprouve o convite feito pelas associações patronais para que os comerciantes encerrassem os seus estabelecimentos, e, considerando que no actual conflito entre o governo e o comércio, os caixeiros de Lisboa não se devem imiscuir nem solidarizar com qualquer das partes; convidou a classe em geral a comparecer à hora habitual à porta dos estabelecimentos e se, a exemplo do que aconteceu quando das greves operárias, o governo mantiver a liberdade de trabalho, os caixeiros devem ocupar os seus lugares, fazendo normalmente transacções com o público.

O comício de domingo

Com grande assistência realizou-se no domingo, no Parque Eduardo VII, o comício promovido pelo P. R. Radical.

Entre vários oradores, falaram o sr. António Joaquim de Magalhães (radical), que afirmou que o seu partido ia mais uma vez protestar contra o agravamento do custo da vida e que, apesar da decisão da libra, os generos não tinham sofrido qualquer baixa de preço. Em seguida recordou a manifestação feita pelas juntas de freguesia de Lisboa, junto do Parlamento e do governo, e exclamou:

«Os protestos da Federação Nacional das Cooperativas são de apoio ao governo e não contra a carestia da vida, visto que apenas visam o movimento das forças vivas. Não reconhecemos a autoridade da F. N. C. dos protestos que anda fazendo, porque eles são organizados pelo sr. Velinho Corrêa, que faz parte do Conselho Fiscal das cooperativas.»

Esse decreto do imposto do selo não prejudica o comércio, mas sim o povo consumidor que é quem tem de pagar toda essa série de impostos. O seu partido protesta por esse facto e contra esse decreto.

Um repto do sr. Velinho Corrêa

O deputado sr. Velinho Corrêa pede-nos para publicarmos o convite que faz a todos os oradores que nas reuniões das associações económicas, designadamente na última reunião da Associação Comercial, onde não teve voz nem assento, e nos últimos comícios, na Avenida da Liberdade, onde não estava presente, lhe dirigiram ataques e se dirigiram em apertada a sua pessoa e sua conduta pessoal e política, a formular, cara a cara, na sua presença, essas ou quaisquer outras acusações contra ele, na reunião que expressamente se realizará amanhã para esse efeito, no Centro Almirante Reis, na rua do Bemfornio, 50, 1.ª, pelas 21 horas.

A Federação Nacional das Cooperativas e o Partido Radical

A Federação Nacional das Cooperativas resolveu dirigir ao Directório do Partido Radical, um protesto contra as agressões que alguns elementos preponderantes do mesmo partido estão dirigindo sistematicamente contra a Federação no momento em que esta se encontra absorvida na luta contra os maneios tenebrosos das chamadas «forças vivas», tendentes a impedir a melhoria cambial e a obrigar ao aumento da circulação fiduciária, agressões que só favorecem as ditas «forças vivas» e são absolutamente injustificadas, visto que a organização cooperativa nunca combatu o Partido Radical nem qualquer outro.

Constituição de um grupo cooperativista de acção e defesa

Em face da atitude ultimamente assumida pelas associações comerciais, de plena rebeldia, e para o caso de serem elevadas as suas ameaças, constituindo um grupo de acção e defesa, destinado a enfrentar essas ameaças.

Desse grupo fazem parte numerosos cooperativistas, aos quais, segundo declaram, não noticiam outros interesses, nem têm outros objectivos senão a de defender o sagrado direito à vida e a sua aspiração a uma nova era de tranquilidade, na qual não possam continuar medrando agitações subsidiadas, como tem sido a maior parte delas, pela finança cosmopolita, os verdadeiros vampiros de sociedade portuguesa.

POVO TRABALHADOR É UM CRIME

TEATRO APOLO

OS MINEIROS

Realizou-se no domingo a prova anual organizada pelo Gimnásio Club Português para disputa do «Escudo do Gimnásio», o qual foi ganho mais uma vez pelo Sport Alge e Dafundo.

A classificação dos concorrentes foi a seguinte:

1.º Bessone Basto (S. A. D.), em 46 m. 28 s.; 2.º Vieira Alves (S. A. D.), em 52 m. 25 s.; 3.º Basílio dos Santos (S. A. D.), em 54 m. 50 s.; 4.º Francisco Afonso dos Santos (S. L. B.); 5.º Jaime Montalvão (S. C. N.); 6.º António Antas de Campos (C. N. N.); 7.º Julio Maria Fernandes (V. J. F. C.); 8.º Leonel Tavares (S. A. D.); 9.º Reis Pinto (C. P. A. C.); 10.º Nuno Pareda (V. J. F. C.); 11.º Roque Montenegro (V. J. F. C.); 12.º Manoel Silveira Gomes (S. C. O.); 13.º D. Estela de Carvalho (S. A. D.).

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne hoje às 21 horas, o secretariado e agregados para tratar assuntos respeitantes à conferência inter-sindical gráfica de Lisboa. Amanhã reúne o Conselho Central que tratará trabalhos de carácter geral, devendo comparecer os delegados ultimamente indicados.

Federação do Calçado C. e P.—Reúne hoje a comissão administrativa, às 21 horas.

Federação da Construção Civil.—Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho federal, para se ocupar especialmente da discussão do Regulamento Geral dos Sindicatos e suas Seções.

Seção profissional dos pintores.—Devem comparecer hoje, pelas 20 horas, para efeito de colocação os camaradas inscritos como sem trabalho nesta secção profissional.

Conselho Técnico.—Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho fiscal.

Caniteiros e Polidores de Mármores.—Convida-se a comparecer amanhã pelas 20 horas a comissão que foi nomeada em assembleia geral.

Impressores Tipográficos.—A direcção deste sindicato reúne hoje, às 21 horas, devendo comparecer o cobrador.

Inscritos Marítimos.—(Pessoal de câmaras)—Para continuação da leitura do estatuto da «Caixa de Protecção» aos tripulantes da Marinha Mercante Nacional, é convocada a assembleia geral para hoje, pelas 18 horas.

Descarregadores de Mar e Terra.—Reúne hoje pelas 20 horas, a assembleia geral.

Medidores de cereais.—Reúne hoje a assembleia magna, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de interesse para a classe.

Operários Alfaiates.—Por motivo de força maior não se realiza hoje a assembleia geral, mas pelas 21 horas reúne a direcção, sendo necessária a presença de todos os seus componentes.

Corticeiros de Belém.—Por motivo da comparencia no sindicato de dois delegados da Federação Corticeira Nacional, e os quais devem tratar de assuntos que dizem respeito à classe, a comissão administrativa convida a classe a reunir hoje, terça-feira, pelas 19 horas.

Marinheiros e Moços.—Convidam-se todos os contramestres, embarcados ou não, a reunir hoje, pelas 18 horas, a fim de se tratar de assunto de interesse para os mesmos.

Tem lugar amanhã a assembleia geral, pelas 19 horas, para continuação dos trabalhos da assembleia de 11, suspensos pelo adiamento da hora.

DA PROVÍNCIA

U. S. O do Porto.—Na última terça-feira, 7 do corrente, reuniu o Porto dos Sindicatos Operários do Porto, sob a presidência do delegado dos Operários das Carnes Verdes.

A discussão do Conselho recaiu primeiro sobre um ofício dos Descarregadores e Descarregadores de Terra e Mar, respeitante a um seu delegado que, trabalhando como metalúrgico, os representava.

Agremiações várias

Federação.—Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho federal. Devido à urgência dos assuntos a tratar, é convocada a comparencia de todos os delegados.

Grupo de Solidariedade «O 21» Manufactureiros de Calçado.—Reúne hoje, pelas 21 horas, para apreciação do Regulamento do Grupo, com a comparencia de todos os componentes.

Núcleo S. R. de Lisboa.—Na sede deste Núcleo reúnem-se os partidários da Internacional Sindical Vermelha (Moscóvia), a fim de apreciarem os trabalhos submetidos à apreciação do último Congresso internacional. O primeiro trabalho que sofreu discussão foi o relatório do secretariado da Internacional Vermelha. Esta discussão continua hoje, às 21 horas.

VELHOS NOVOS CRIANÇAS

O BOLO-REI

EDEN TEATRO

Os condutores de carroças

realizam em Alcântara uma importante sessão de propaganda

Na sede do Centro Socialista de Alcântara realizou-se no domingo uma reunião dos condutores de carroças daquela área, promovida pelo respectivo sindicato, para, entre outros assuntos, tratar da crise de trabalho que actualmente se está sentindo e da questão do horário.

Presidiu António Ribeiro, secretário do por José Maria e Francisco Luz. O presidente fez várias considerações sobre a organização da classe, afirmando que enquanto os condutores de carroças frequentarem a taberna como estão frequentando, nunca essa organização poderá ser aquilo que deve ser.

José Maria, que fala em seguida, aborda a crise de trabalho que actualmente se desenha, dizendo que os condutores de carroças devem acompanhar qualquer movimento que, para a evitar, seja levado à prática pela organização operária. Referiu-se também às condições precárias em que actualmente se encontra a classe, afirmando que são das piores que existem. Alude ao horário de trabalho, dizendo que os condutores de carroça devem contribuir quanto possível para tornar as suas condições de trabalho mais agradáveis.

João Gomes refere-se à maneira como actualmente se estão passando matrículas na câmara municipal, pois que a tróca de qualquer paga se passam documentos a indivíduos que não têm as necessárias habilitações, devendo por isso a associação dos condutores de carroça interessar-se a valer por este assunto e enviar quanto antes para assistir os exames um delegado com a missão de fiscalizar como são passados esses documentos.

João Fiago, como delegado da U. S. O., juntou dos condutores de carroça, referiu a presente situação, atacando os maneios das «forças vivas» e dizendo que os componentes da classe devem preparar-se para com as demais classes operárias fazer com que os desígnios dessas criaturas não vão por diante.

Aludiu à actual crise de trabalho que se está sentindo nas várias indústrias, afirmando que ela é provocada pelos industriais, e comerciantes com o firme propósito de conseguir fins ocultos, como seja a redução de salários e o aumento de horas de horas de trabalho. Alargou-se em considerações sobre este momento assunto e termina por dizer que os condutores de carroças, como classe explorada, devem também esforçar-se por acompanhar qualquer movimento que a organização operária leve à prática no sentido de fazer arripiar caminho às «forças vivas». E se os exploradores do povo tentarem reduzir os trabalhadores ao maior dos servilismos, estes devem apressar-se de todos os utensílios de trabalho.

Falam ainda José Maria e Joaquim Gomes, sendo aprovada uma moção do primeiro no sentido de que o sindicato prepare a classe para no momento preciso acompanhar a restante organização operária no seu protesto contra as pretensões das «forças vivas».

Foi também aprovada uma proposta para que a comissão administrativa do sindicato vá em breve junto da Câmara Municipal protestar contra a forma como se estão passando matrículas a indivíduos que se apresentam sem as habilitações indispensáveis.

A sessão foi encerrada com vivas organização operária, A Batalha, C. O. T., U. S. O., etc.

POLÍTICA INGLESA

LONDRES, 13.—Houve tumultos no West End depois do comício celebrado pelos comunistas em Trafalgar Square. Depois de vários oradores terem discursado contra o estado existente de sociedade, vários rapazes envolveram camisas pretendentes chegar até à bandeira dos oradores, tendo-se esboçado conflitos. As mulheres começaram a gritar. Os policiais apertaram e travou-se então uma grande batalha a que a polícia se juntou também. Devido ao barulho juncion-se ali muita gente, tendo a polícia feito quatro prisões. Os comunistas durante e depois do conflito cantaram a canção Bandeira-Vermelha.

Uma princesa real na miséria

LONDRES, 12.—A princesa Har Lagarodich Herbol Jarvich, de sangue real serviu tomou um bilhete de terceira classe no paquete «Montcalm» (partiu de Liverpool. Vai para Moscú) para tomar conta dum lugar de governante de crianças.

Um match de futebol franco-alemão

LONDRES, 13.—Pela primeira vez depois da guerra houve um match de futebol entre franceses e alemães. Este último ficaram vitoriosos.

bém reconhece que as forças vivas não têm autoridade moral para se fundamentarem na defesa dos interesses dos consumidores, quando se opõem a esse imposto, visto que elas próprias com o consentimento do estado de ruína em que vivem o país ao que não quer dizer que ele se redima em proveito colectivo pelo sistema tributário que só tende à conservação dos órgãos em que se apoia o sistema de desigualdade económica presente.

Porém o movimento actual das forças vivas deixa transparecer claramente a pretensão criminosa de provocar o *chômage*, reduzindo assim os trabalhadores a uma situação mais precária ainda do que aquela que atravessam, o que já se está verificando em algumas indústrias; pretensão que é tanto mais iníqua e incoerente quanto é certo que sempre têm apregoado a necessidade de se intensificar a produção para conseguir o equilíbrio económico do país.

Logo a decisão que por ventura se tome de o proletariado se apressar dos diversos estabelecimentos onde exerce a sua actividade é ditada pelo dever e o direito que lhe assiste de manter permanentemente e sem deficiências a produção e a distribuição de todos os produtos que as necessidades de consumo não permitem que sejam interrompidas.

Pode o Estado intervir com o fim de garantir a laboração de todos os ramos industriais e comerciais?

A U. S. O., porém, considera que essa intervenção é feita acidentalmente e que nada influe nos objectivos da organização, neste momento, que pretende manter a completa laboração de todos os serviços úteis à colectividade e provar a sua capacidade técnica e administrativa. Das condições dessa intervenção depende a atitude a seguir pela organização operária que tem que integrar-se o mais possível no critério sindicalista revolucionário. E nestas condições a U. S. O. de Lisboa deve fixar os seguintes pontos:

1.º Se o patronato fechar os seus estabelecimentos por tempo e forma que prejudique os interesses colectivos a organização deve-se opor, tomando-os e garantindo o seu completo e metódico funcionamento.

2.º Se o governo tomar a atitude emérgica de mobilizar os estabelecimentos, os operários continuarão trabalhando, considerando que essa decisão, não tendo sido reclamada por ele, só pode atender aos interesses gerais sem prejudicar os objectivos da organização que se reserva o direito de organizar no seu seio os elementos técnicos e administrativos na intenção de provar que o patronato é um factor inútil e por consequência dispensável.

3.º Para pôr efectivamente em prática estas disposições, necessário se torna que a Confederação Geral do Trabalho decida e se habilite a coordenar a acção de todo o operariado organizado do país visto que este movimento é de carácter nacional.—A Comissão Administrativa.

José Gonçalves, dos metalúrgicos defende o princípio consignado no parágrafo, mediante o qual o proletariado realiza uma afirmação consciente da sua vontade em combater uma escravização cada vez mais pesada e aviltante.

Entende que o proletariado deve responder ao movimento das «forças vivas», com uma manifestação em que se concretize a sua força, manifestação que, de nenhum modo, apoiaria o Estado e o governo.

Alvaro Monteiro, dos barbeiros, espreia-se em largas considerações tendentes a demonstrar que o movimento das «forças vivas» é um movimento dirigido por aqueles que têm esmoado o país que trabalha. O proletariado, diante desses exploradores que clinicamente se fingem de vítimas, só pode ter uma atitude de protesto. Ora essa atitude é que é necessário, ficar definitiva.

João Tavares Adão, afirma que o operariado é o eterno bode expiatório das «forças vivas» e do Estado. Analisa a crise de trabalho, que se esboça temerosa, pois milhares de trabalhadores existem já, sem ocupação. Essa crise ameaça agravar-se, havendo, portanto, encerrar a possibilidade de surgirem, para os trabalhadores, dias piores do que os actuais. É necessário lutar, desde já contra a crise de trabalho, evitando que se continue a serem despedidos operários.

Gonçalves Vidal apresenta, em nome da Comissão Administrativa, a seguinte moção:

«Considerando que o patronato resolve encerrar os seus estabelecimentos apenas por 24 horas e que o parecer aprovado pelo conselho se refere a um movimento de maior duração e intensidade;

Considerando porém que o encerramento agora votado pelas «forças vivas» pode ser uma experiência do êxito da qual dependerá possivelmente a duração do mesmo, embora com quaisquer interregno;

Considerando finalmente que é necessário preparar o espírito do operariado e orientá-lo no caminho a seguir;

O conselho de delegados resolve:

1.º Realizar amanhã uma sessão pública na sua sede pelas 18 horas;

2.º Conservar-se em sessão permanente aguardando os acontecimentos, devendo reunir às 17 horas com a presença dos representantes dos organismos aderentes e não aderentes.

*** Para conseguir cabeleiras assim ***



Usae o
Óleo de Mão de Vaca

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos —
Frascos 2.200. Para a provincia 3.200

Pertumaria Mendonça

43, CALÇADA DO COMBRO, 47
LISBOA

IMPORTANTE

SEGURO MARITIMOS

«A MUNIAL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se a



A MUNIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$000 — Reservas, Esc. 740.051\$50,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 3891 R. S. da Bandeira, 331, L.

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL

Mobiliás de casa de jantar, quarto, sala e escritório. Encarrega-se de todo o trabalho concernente à sua arte, pelo sistema inglês, assim como olear e ornamentar casas completas

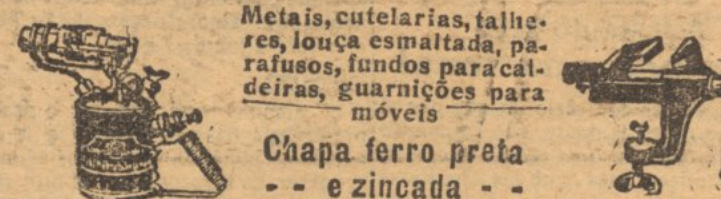
Antigo fabricante de MAPLES em todos os géneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 — Telef. N. 1369

Leiam "O Suplemento de A BATALHA,"

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metals, cutelarias, talhe-
res, louça esmaltada, pa-
rafusos, fundos para cal-
deiras, guarnições para
móveis

Chapa ferro preta
e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antilmonio,
balanças, pesos e medidas, cravo para fer-
rador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONE 3930, N. 3930, N. 3930

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

Fatos completos

Actualmente liquidação de sal-
dos das estações
anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

CALÇADO

A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos
em verniz, abotinados, salto Luis
XV.

a 75\$00 botas em calf, preto,
forma da moda, 2 gáspes e 2 so-
las corridas, cujo valor é de 100\$00

a 30\$00 sapatos de verniz abo-
tinados e c. IX, para senhora, cujo
valor é de 60\$00

a 55\$00 sapatos de calf cor da
moda, cujo valor é de 80\$00

a 59\$50 grande lote de botas,
sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bôlas, muito mais
baratas quequalquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-
terial sem consultar a Aluminares
Avenida Almirante Reis, 6 — Telefone
Norte 123.

Montadores electricistas

Esmalte Inglês

SUPERIOR

em 44 cores

QUALIDADE ESPECIAL

PARA AUTOMOVEIS

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

A'

grande baixa de calçado

60 com o lucro de 10%

NA - SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . 30\$00

Sapatos em verniz . . . 38\$00

Botas pretas, (grande salto), . . . 48\$50

Botas brancas, (salto), . . . 28\$00

Grande salto de botas pretas . . . 58\$50

Botas de cor para homem . . . 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPE-

RARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá se encontra bom

e barato.

A SOCIAL OPERARIA é na rua

dos Cavaleiros, 18-20, com Filiz

na mesma rua n.º 69.

Pedras para

isqueiros

A melhor marca do mercado

— Redondas ou em prancha —

Formadas aos quilos ou em

envelopes com 100 ou

em tubos de vidro

Pedidos ao importador:

J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

Electricistas

montadores

Não comprem material eléctrico

sem ver os preços porque vende

A Pedro dos Santos

Rua dos Douradores, 177

Papel "Águia de Ouro"

E' o melhor papel de fumar

para os trabalhadores

Excelente apresentação, em

livrinhos de 120 folhas

PEDIR EM TODA A PARTE

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for só-

cio ou confederado na C. G. T. ou assa-

lante de A Batalha e suas famílias.

Funerais nos Hospitais, Morgue e par-

ticulares. Transferências-cópias. Preço

muito reduzido — por possuir todos os

estêncils, — Telef. 78-Benefic. — R. Al-

ves Correia, 189 (Vulgo São José).

Emprego a qualquer hora do noite.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais

os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 1\$15

cada 50 gramas, e mais \$40 para registro em cada pacote, Ilhas — Encomendas

postais, 6 quilos 6\$00. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos

9\$50, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 6\$50.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais

os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 1\$15

cada 50 gramas, e mais \$40 para registro em cada pacote, Ilhas — Encomendas

postais, 6 quilos 6\$00. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos

9\$50, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 6\$50.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais

os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 1\$15

ALIANÇA

A MELHOR MARCA DE

Bolacha

Biscoito

Chocolates

Confetarias

Açucares

Massas

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

LISBOA-PORTO

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios

Grande sortimento em chapéus, lisos

e mechas em cores lindíssimas,

formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegria, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Novo Figueiro das Avenidas

NETO & CORREA, Lt.ª

Avenida Casal Ribeiro, 3, 5 e 7 — Telefone n.º 2126

ABERTURA DA ESTAÇÃO

Grandes stocks em lãs nacionais e estrangeiras, assim como em

artigos de malha para senhoras e crianças. — Enormes sortidos em

artigos da sua especialidade, como fazendas para casacas, esterlans

e flanelas, lindos padrões para Robes — Sombrinhas em seda e em

algodão, assim como em chales double face. — Cobertores de lã —

Veludos finos gostos, etc.

A divisa desta casa é:

GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO

PURGAÇÕES

= E =

PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Far-

mácia Ultramarina — Rua de São

Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prosta-

titides, 21 dias. Antigos ou recentes

curam-se sempre.

TINTA DE ESMALTE

ROUTTAND

AMARELO-CINZENTO

AZUL-COR DE ROSA

SALMÃO-CORAL

Preço por quilo 15\$00, em latas de

1 quilo, 1/2 quilo, 250 e 100 gramas

A. Vincent — Rua Ivens, 56 — Lisboa

Trabalhadores: Sede A BATALHA

SECÇÃO DE LIVRARIA

DE

"A BATALHA"

LISBOA — Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º — PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vá-

rios autores e editores. Enviamos com a maior prontidão

para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante

remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais

os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 1\$15

cada 50 gramas, e mais \$40 para registro em cada pacote, Ilhas — Encomendas

postais, 6 quilos 6\$00. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos

9\$50, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 6\$50.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais

os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 1\$15

cada 50 gramas, e mais \$40 para registro em cada pacote, Ilhas — Encomendas

postais, 6 quilos 6\$00. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos

9\$50, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 6\$50.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais

os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos 5\$00, pacotes até 2 quilos 1\$15